DIÁRIO DO GRANDE ABC

Publicado em 25/09/2023 - 08:24

Entrevista da Semana - Jorge Pagura

entrevista da semana

Jorge Pagura,
médico, integrante da CBF e da FMABC

'Teremos núcleo de medicina esportiva'

LAYS BENTO
laysbento@dgabc.com.br

O médico Jorge Pagura, que é membro da CBF e da Faculdade de Medicina do ABC, deu pistas em primeira mão ao ***Diário*** *sobre o novo Núcleo de Medicina do Exercício e Esporte na instituição – que deverá ser inaugurado ao público e estará à disposição para valorizar os clubes regionais ainda entre o fim deste ano e primeiro trimestre de 2024. Ex-secretário de Saúde da Capital e do Esporte do Estado, Pagura diz esperar ver e atuar de perto no fortalecimento medicinal e esportivo do Grande ABC. Ele também fala sobre os bastidores da campanha da Seleção Feminina na Copa do Mundo e aponta avanço da modalidade entre as mulheres.*

Em um local considerado 'país do futebol', qual a importância da participação feminina no esporte? E, principalmente, considerando que o Brasil, no masculino, é a Seleção que mais levantou taças da Copa do Mundo, o que falta ao feminino para paridade?

O brasileiro nasce chutando bola e segue isso mesmo quando não tem uma – quantas vezes na escola, jogamos até com tampinha de garrafa. Naturalmente, então, essa é uma cadeia de serviços, não só de divertimento. E, além dos clubes precisarem de patrocinadores, a questão envolve linhas aéreas, hotéis, transportes, segurança e muito mais. Estimo que esta é uma cadeia com mais de 150 mil pessoas, o que envolve responsabilidade. Tanto que meu cargo é a presidência da comissão médica, para cuidar não só de todos os médicos do futebol brasileiro *(em termos de qualificação e de gerenciamento das regras impostas)*, mas também para a definição do departamento que deve virar estatutariamente o núcleo de saúde e performance. Hoje, estou responsável pela organização geral do jogo do Brasil masculino nas Eliminatórias. E o cargo na Seleção Feminina veio a convite do presidente da Confederação *(Brasileira de Futebol, Ednaldo Rodrigues)*, do qual fiquei honrado, mesmo o resultado não tendo sido bom. Até porque a delegação não tem interferência na parte técnica, ela corrige alguns rumos tomados. Acredito ser preciso ver que o futebol feminino ficou sem uma estrutura grande por muito tempo. Realmente só em 1983 é que foi liberado *(após cair decreto-lei assinado na ditadura do Estado Novo, em 1941, por Getúlio Vargas, a fim de inibir a prática de esportes 'incompatíveis com as condições de sua natureza' feminina)*. Um absurdo. Acontece que você precisa de uma estrutura para grandes campeonatos, como os da Copa do Brasil Feminina, com o Corinthians e Ferroviária jogando a decisão do Brasileirão Feminino. Até pouco tempo atrás não tínhamos isso. Procura para o futebol feminino não é algo 'do dia para a noite'.

No começo de agosto, a Seleção Feminina se despediu da Copa do Mundo em um empate sem gols contra a Jamaica. O que aconteceu, em sua opinião?

Se me perguntar 'foi o esperado', vou dizer que 'não'. Esperava chegarmos até às quartas de final. Do ponto de vista da CBF, *(às jogadoras)* foram dadas todas as condições. Não faltou nada. O que aconteceu é jogo, a gente não gosta de opinar sobre essa parte técnica – que cabe apenas a outra equipe analisar, apesar da minha opinião, de torcedor. Acho que poderíamos ter ido melhor e as jogadoras fizeram o máximo possível. E, olha, sobre boa vontade e comprometimento, vi total seriedade desta Seleção que esteve aí na Austrália. A troca de comando técnico é natural. Agora o novo treinador *(Arthur Elias, do Corinthians)* encontrará uma estrutura básica totalmente montada. Com as Olimpíadas já chegando até para as duas Seleções no ano que vem *(no final de julho, na França)*, torceremos muito para que se encontre um bom padrão tático que torne melhor os resultados que tivemos na Copa do Mundo. Talento, nós temos. Você até pode trocar ou acrescentar uma, duas ou três jogadoras... A questão é que possuímos talentos suficientes para colocarmos a posição que quisermos, isto posso assegurar. Digo que a definição de profissionais e equipe são respeitadas, o Arthur Elias é de alto porte – e o Fernando Diniz *(técnico interino da Seleção masculina)* também considero de alto gabarito.

> "Havia proibição no passado. A procura para o futebol feminino não é algo 'do dia para a noite'."

O que muda nos jogos de ambos os gêneros, sobretudo com cuidados medicinais? Aliás, ao menos nos investimentos, poderia-se dizer que o time feminino é igual ou subestimado na questão médica?

Isso de modo algum, é uma política do presidente *(da CBF)*. Não gosto de comparar feminino com masculino porque, para mim, a Seleção que pôs a camisa do Brasil recebe o apoio necessário – seja mulher ou homem, seja base ou principal. Mas em termos de investimentos, digo que *(para a feminina)* é enorme. Nós fizemos uma delegação em que, se a Seleção masculina viajou de voo fretado, a feminina também agora iria de voo fretado; se a Seleção masculina tem dois médicos, na feminina mantemos dois médicos; se na masculina são dois massagistas, disponibilizamos às meninas dois massagistas; se para eles têm dois fisioterapeutas, seremos integrados com dois fisioterapeutas; até se a Seleção masculina tem o seu chefe de cozinha, a feminina também tem. Todos os avanços médicos visam tratar o esporte feminino com a especificidade que o esporte feminino merece. Estamos com enfoque na condição cerebral principalmente. Hoje, já pode ter substituição quando há trauma de crânio *(regra instituída pela Fifa em 2021)*. A mulher, por exemplo, é 1,4 vez mais suscetível a ter a concussão cerebral. Elas têm demora na recuperação, porque a constituição física tem muito menos massa muscular no pescoço, tem mais mobilidade – a cabeça é um pouco menor, então a incidência do trauma acaba sendo maior. Além disso, há o ciclo hormonal, que não é fácil. Com as alterações gerais, por isso tem de ter uma ginecologista e até uma nutricionista esportiva relacionada com eventuais perdas que a mulher possa ter em tal fase. Mapeamos se o fluxo de uma jogadora é maior, se há cólica. E, com isso, a carga de treinamento tem de ser diferenciada. Então, apesar de taticamente o futebol entre homens e mulheres serem os mesmos, o cuidado fisiológico e de performance é diferente. Reforço que não comparo ambos os gêneros no esporte, precisamos comparar o que é ou não competente. Um *(o masculino)* é estabilizado taticamente, mas o outro *(feminino)* está crescendo em estrutura. Hoje temos o surgimento de atletas femininas com aptidões e habilidades superiores ao masculino, porque começamos praticamente agora, com um enfoque já renovado.

Qual o diagnóstico do sr. a respeito dos resultados do próprio avanço medicinal no esporte feminino como um todo? E, inclusive, como vê a situação medicinal e esportiva do Grande ABC?

> "A mulher, por exemplo, é 1,4 vez mais suscetível a ter a concussão cerebral. Por isso há olhar especial."

Sim, constitucionalmente os avanços medicinais influenciaram na procura pelo esporte feminino. Hoje você tem treinamento, desde a base, com preparo. Como o futebol feminino é um futebol mais novo, pelo menos em relação à liberação no Brasil, ele demorou um pouco mais, ainda está se estruturando. Mas está muito melhor. Para se ter ideia, em 2015 não tínhamos campeonato tão forte que precisávamos ter feito uma Seleção permanente para poder treinar e jogar. Hoje, não. As nossas atletas jogam nos melhores times do mundo. Quero dizer, temos agora a decisão do Campeonato Brasileiro. São Paulo batendo o Palmeiras... Atualmente há muitas equipes. Acho que, já no Grande ABC, a situação medicinal e esportiva pode melhorar. Formar indivíduos, dar cursos, abrir ambulatórios e serviços, é uma forma de melhorar a situação da população. Você tem na região destaques como o Água Santa *(de Diadema)*, que fez grande campeonato, assim como o São Bernardo FC. Sem falar no São Caetano, que até já disputou final de Libertadores. Isso não deixa de ser um patrimônio espetacular, até para os próprios clubes.

Como melhorar na prática este ramo, principalmente nas sete cidades? Há alguma iniciativa da Faculdade de Medicina do ABC para otimizar o desempenho de atletas ou até da população em geral?

É preciso, antes de tudo, entender que, quando falamos de medicina esportiva e do movimento, abrangemos a todos. Esporte é saúde e vida. Não tem idade para praticar, desde que com orientação adequada, o que a faculdade vai e precisa fazer. Hoje a medicina do exercício de esporte é uma ampla especialista e multidisciplinar. Envolve especialidades que temos dentro do ambiente universitário, então também já estava na hora de criarmos o Núcleo de Medicina do Exercício e Esporte da FMABC. Aqui, fui aluno, professor-titular e chefe do Departamento de Neurociências. A gente aproveitou até a terceira vitória da nossa atlética, vimos que era um momento de soltar algo assim à população e aos tradicionais clubes da região. Como todos os núcleos prestam serviço à Prefeitura, então o projeto está em formatação para atendimentos privados e também à população nos ambulatórios que serão criados. Devemos começar os ambulatórios no fim deste ano, começo do ano que vem. Indicaremos um médico de cada área para compor o grupo, de forma que já nasça com notoriedade. Os estudantes passarão pelo projeto no ciclo natural: internos, residentes e, esperamos, graduandos. Ortopedista, cardiologista, fisiologista, fisioterapeutas, nutrólogos e tudo mais. Espero que na FMABC não deixemos de ser como as outras grandes faculdades: começando com um núcleo, partindo para tornar *(medicina esportiva)* uma graduação e depois uma pós-graduação. Toda vez que se monta um serviço universitário, se espalha conhecimento. A partir do momento que temos um núcleo para orientar, é um estímulo ao crescimento da Medicina e ao Esporte da região. E hoje, a primeira meta do departamento médico é a garantia da integridade física de atletas. Para além do futebol na região, a gente espera somar com outras modalidades, como vôlei, basquete, futsal e a população em si.

RAIO X

Nome: Jorge Pagura
Estado civil: Casado
Idade: 75 anos
Local de nascimento: São Paulo
Formação: Médico, pela 1ª turma da Faculdade de Medicina do ABC (1974)
Hobby: Praticar natação e tocar bateria (como nos tempos da banda Baobá, 1967, quando acompanhou Caetano Veloso e Os Mutantes)
Time do coração: Corinthians
Local predileto: A própria casa
Livro que recomenda: *War in Words*, do Winston Churchill
Personalidade que marcou sua vida: Meu pai
Profissão: Chefe da Comissão Médica da CBF (Confederação Brasileira de Futebol); coordenador médico da CBF nas Eliminatórias Sul-Americanas; vice-presidente da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia Funcional e Estereotaxia; e professor titular de Neurologia e Neurocirurgia da FMABC (Faculdade de Medicina da Fundação do ABC)
Onde trabalha: CBF e FMABC

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Política **Pagina:** 4

Copyright © Clipclap 2025.